

Notícia Sobre a Descoberta de Novas Pinturas Rupestres no Dólmen de Fontão (Paranhos da Beira — Seia)

1 — Introdução

Em Setembro de 1985, deslocámo-nos à zona de Gouveia, com o intuito de tentarmos localizar e proceder ao levantamento de uma inscultura que, eventualmente, poderia fornecer elementos para um estudo de arte rupestre que vimos desenvolvendo no norte do País. Complementarmente, projectámos uma visita a alguns megálitos das Beiras, pois que se trata de um tipo de monumentos integrados numa nossa outra linha de investigação.

Assim, no dia 2 de Setembro, tivemos oportunidade de visitar o dólmen de Fontão, situado em Vale da Igreja, Paranhos da Beira, concelho de Seia, distrito da Guarda.

Após alguns registos fotográficos, procurámos, naturalmente, observar o interior da câmara dolménica. Grande foi a nossa surpresa quando se nos deparou, num dos esteios laterais, uma pintura rupestre ainda em razoável estado de conservação.

Convencidos de que só das pinturas do esteio de cabeceira havia notícia publicada, e considerando a situação de emergência ⁽¹⁾, aproveitámos a circunstância favorável de estarmos munidos do material necessário, efectuando-se, então, o adequado levantamento.

2 — O Dólmen

Fica situado num terreno de planície (*chã*), quase à face da estrada n.º 231, que liga Viseu a Seia, a cerca de 1 Km a Norte de Paranhos da Beira, numa localidade chamada Vale da Igreja. O terreno envolvente está ocupado por um pomar de macieiras e pereiras, notando-se, também, algumas oliveiras. Contíguo, foi construído um grande tanque, em granito, para rega.

O monumento implanta-se a uma cota de cerca de 350 metros.

Uma das primeiras referências a este megálito deve-se a Martins Sarmento, em 1933 (SARMENTO, 1933, pp. 142-145). Aí inclui dois desenhos, frente e lado, fi-

⁽¹⁾ De facto, o interior do dólmen servia para arrecadação de produtos agrícolas, desconhecendo a proprietária, Sra. D. Cármen, a existência da pintura, bem como do seu interesse arqueológico. Sensibilizada para a importância da descoberta, de imediato e amavelmente aquela senhora nos permitiu efectuar os trabalhos de decalque.

cando-se com a ideia de que ainda possuiria restos de mamoa. Parece deprender-se da leitura do texto que à Anta de Fontão se refere (e não são muitas linhas) que este monumento teria galeria, embora as plantas que da mesma se conhecem a não registem, nem nós a vimos.

Ao referir-se às antas de Paranhos da Beira, Martins Sarmiento dá algum relevo à de Fontão, por ser a que se encontrava melhor conservada. Afirma, a dado passo: «A sua altura (referindo-nos sempre à parte descoberta dos suportes, não podendo calcular a parte ainda soterrada) é de 2 metros; a mesa tem 2,80 m no diâmetro do seu eixo, 3,05 m no diâmetro que cruza com ele.»

Reportando-se, ainda, às antas desta localidade, acentua: «Nenhuma delas tem gravuras». Exclui, contudo, a mesa da anta de Fontão, onde detectou duas cruzes, que considera marcas divisórias de propriedade.



Dólmen de Fontão (Paranhos da Beira — Seia). As pinturas encontram-se no esteio assinalado com o asterisco.

Quanto a estes monumentos terem sido cobertos por mamoa, Martins Sarmiento interroga-se, em nota, falando da Anta de Fundão (julgamos tratar-se de gralha tipográfica, devendo estar grafado Fontão): «(...) a anta não mostra hoje sinais de mamoa. Duas testemunhas presentes afirmaram que, ainda há pouco tempo, em torno dos suportes da anta, o solo se elevava cousa de meio metro acima do nível

actual. O nível do recinto interior é superior cerca de um palmo ao do solo circundante.» (SARMENTO, 1933, p. 148).

Quando interrogámos a proprietária, a este respeito, disse-nos que, em tempos, seu pai procedera ao alisamento da terra à volta do dólmen. Como quer que seja, nota-se, hoje, um desnível entre o piso da câmara e o solo envolvente, sendo aquele mais elevado.

O monumento foi escavado por Maximiano Apolinário, em 1885 (IRISALVA MOITA, 1966, 265-7), fazendo parte do seu espólio, que se encontra no Museu de Belém, fragmentos de cerâmica, parte de um vaso de fundo plano, pontas de seta losânicas, em sílex, e algumas lâminas.

A câmara tem, actualmente, cerca de 1,80 m de altura, enquanto o eixo E-W mede 3 m (medidas interiores).

Elizabeth Shee descreve-a como sendo constituída por 8 ortostatos, mas a planta que inclui (SHEE, 1981, p. 156) mostra que são 9 esteios, o que nós próprios confirmámos. Observámos, ainda, a existência de uma pedra, junto ao solo, na posição horizontal, na entrada da câmara, voltada a Este, dando a impressão de uma soleira. Parece ser o «ortostato baixo, no lado N/ da entrada da câmara» a que se refere E. Shee.

De salientar que os interstícios resultantes da junção dos esteios da câmara estão cimentados e pintados de branco, ao que não será estranho o facto de o dólmen ter sido habitado.

3 — As Pinturas

Não são muitas as pinturas existentes em dólmenes portugueses. No inventário de E. Shee, a propósito das pinturas megalíticas peninsulares (76 exemplos), aquela autora indica, para o grupo ao Sul do Mondego, o dólmen do Fontão, mas apenas com um único esteio decorado (SHEE, 1974, p. 108).

A mesma investigadora, em 1981, inclui este dólmen na sua síntese sobre Arte megalítica, referindo um pormenor que terá sido, até ao momento, o causador da ocultação para o mundo da ciência da importante pintura que agora publicamos, mas que, simultaneamente, a terá protegido! Elucida aquela autora que, quando o monumento foi habitado, o interior foi caiado de branco. Mais tarde, a pintura de cal começou a deteriorar-se, altura em que o Cónego Celso Tavares da Silva notou vestígios de decoração, limpando toda a cal do esteio de cabeceira. Só assim podemos compreender a razão porque aquele estudioso, que tão bem conhece a arte rupestre das Beiras, não se tenha apercebido das pinturas que agora revelamos.

3.1 — As pinturas do esteio de cabeceira

As dimensões do esteio de cabeceira, tomadas pelo interior, são, aproximadamente, as seguintes: altura: 2,00 m; largura: 1,50 m.

Os vestígios de pintura, de cor vermelha, são muito ténues, não sendo suficientemente esclarecedoras quanto à sua inteligibilidade. Porque já havia um levantamento

destas pinturas, entendemos dever dar prioridade ao levantamento daquelas que se nos afiguravam desconhecidas. Mesmo assim, anotamos algumas diferenças, já que, no nosso caderno de campo, registámos vestígios na parte inferior esquerda, o que não é visível no levantamento de que E. Shee nos dá conta (SHEE, 1981, fig. 53).



Decalque dos vestígios mais evidentes das pinturas do esteio lateral do dólmen de Fontão (Paranhos da Beira).

Confirmamos, isso sim, a existência de uma cruz, nesse levantamento representada, que nos parece de confecção recente. Pouco profunda, encontra-se na parte superior do esteio, quase ao centro, tendo 8 cm no braço vertical e 6 cm no horizontal. Shee interpreta os restos de pintura deste esteio como uma «guarnição» em forma de «dente de serra» de cada lado da pedra, admitindo que tenha havido algum desenho no centro do esteio.

Entretanto, foram feitos três furos na pedra, um dos quais afectou os vestígios do lado esquerdo.

3.2 — As novas pinturas

As pinturas a que este trabalho se refere encontram-se na face interna do 3.º esteio, a contar da entrada, lado esquerdo, o qual se encontra fracturado na parte superior.

As medidas deste ortostato, tomadas pela face interior, são as seguintes: largura: 1,15 m; altura: 1,70 m.

Desde a primeira observação nos apercebemos que os vestígios melhor conservados evidenciavam uma figura zoomórfica. Esta apresenta-se com 0,32 m de comprimento e 0,14 m de largura máxima à cauda e 0,19 m à cabeça, voltada no sentido do esteio de cabeceira.

Para procedermos ao levantamento humedeceu-se cuidadosamente a pedra, por processos não abrasivos, assim se avivando a cor das pinturas.

O levantamento efectuou-se por decalque directo sobre película de polivinilo. O material litológico do esteio é o granito, de cor clara, de grão fino a médio, de duas micas.

Junto à cauda do zoomorfo há um orifício, aberto a cinzel, de confecção recente, semelhante aos outros três do esteio de cabeceira. Só por feliz acaso não afectou a figura pintada.

Alguns centímetros acima, o esteio revela vestígios do que pode ter sido um círculo gravado, com uns 10 cm de diâmetro. Este motivo encontra-se sensivelmente na parte central da rocha, notando-se outros restos de pintura, mas sem leitura aparente.

O pigmento usado será o ocre vermelho (óxido de ferro), mas só uma análise laboratorial poderá indicar, com rigor, os seus componentes. Esta cor é, de resto, a mais usual nas pinturas megalíticas peninsulares.

Numa sumária análise a estas pinturas, somos surpreendidos pela melhor conservação da figura zoomórfica, face aos restantes vestígios.

A figura não apresenta uma grande dinâmica, sendo de notar o seu corpo estilizado. Tratar-se-á da representação de um cervídeo ou canídeo? Inclino-nos mais para a possível representação de um canídeo, figuras que também aparecem nas cenas da Orca dos Juncais, em Queiriga, Vila Nova de Paiva.

O corpo é constituído por um traço de 2,5 cm de espessura média, ligeiramente arqueado. Alguns restos de pintura definem, ainda, a cabeça. Dos membros, só um dos dianteiros está mais deteriorado. O desigual comprimento dos membros posteriores e a sua inserção paralela terá sido um artifício para criar a ilusão de perspectiva?

Resta relevar a importância da descoberta destas pinturas, especialmente pelo razoável estado de conservação do seu motivo mais visível, e esperar que se tomem medidas para a sua conservação, até porque se encontram nos esteios de um dólmen que está classificado como «monumento nacional» (Decr. de 16-6-1910).

EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA

Grupo de Investigação Arqueológica do Norte
Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

BIBLIOGRAFIA

- LEISNER, G., (1956), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Madrider Forschungen 1, Berlin.
- MOITA, Irisalva, (1966), *Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta*, «Ethnos», 5.
- SARMENTO, Martins, (1933), *Dispersos*, Coimbra.
- SHEE, Elizabeth, (1974), *Painted Megalithic Art in Western Iberia*, Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I, Porto.
- SHEE, Elizabeth Twohig, (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford.

Micrólitos Geométricos Provenientes de Monumentos Megalíticos do Norte de Portugal: Breve Nota

Introdução

Como é bem sabido, os micrólitos geométricos abundam nos túmulos megalíticos portugueses, nomeadamente da Beira e do Alentejo ⁽¹⁾, sendo também frequentes em grutas naturais utilizadas como necrópoles e em grutas artificiais; parece ocorrerem mais escassamente nos povoados fortificados calcolíticos do tipo V.^a N.^a de Pedro — Zambujal, e serem raros, ou estarem ausentes, nas sepulturas de falsa cúpula, tradicionalmente designadas *tholoi*.

Está por fazer uma tipologia sistemática deste tipo de artefactos, com base num critério de classificação uniforme, que poderia inspirar-se no que foi proposto pelo grupo de investigadores franceses que procuraram sistematizar a tipologia do instrumental epipaleolítico-mesolítico ⁽²⁾. Mais genericamente, há que rever as concepções habituais acerca do seu significado cronológico-cultural no âmbito da Pré-história recente do nosso país.

⁽¹⁾ V., por ex., V. Leisner, Micrólitos de tipo tardenoisense em dólmenes portugueses, *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, vol. II, 1970, pp. 195-198. A designação de «tardenoisenses» atribuída aos micrólitos portugueses é hoje obviamente obsoleta, como mostraram os trabalhos de Roche relativos a Muge.

⁽²⁾ Cf. G. E. E. M., Épipaléolithique-Mésolithique. Les microlithes géométriques, *Bull. de la Société Préhist. Française*, t. 66, 1969, Études et Travaux, pp. 355-366.